

Asas de dragão

Janaína Tokitaka

Ilustrações da autora

Faixa etária a partir de 6 anos

32 páginas



TEMAS Haicai / Cultura japonesa / Solidão / Amor

A AUTORA E ILUSTRADORA Janaína Tokitaka formou-se em Artes Plásticas pela Universidade de São Paulo. Começou sua carreira como ilustradora em 2005, no suplemento *Folhinha*, do jornal *Folha de S.Paulo*, voltado para o público infanto-juvenil. A aquarela, o nanquim e a tinta acrílica são seus materiais preferidos para trabalhar. Além de ilustrar, também ministra oficinas e cursos.

O LIVRO A narrativa de *Asas de dragão* começa com um narrador em primeira pessoa, que informa aos leitores onde vive: em uma caverna em que às vezes entram raios de sol. A ilustração mostra a caverna, e nela vemos, descansando, um dragão. Ali, o dragão convive com outros seres, como os morcegos, que lhe dizem ser assim mesmo a vida dos dragões, seres solitários que guardam tesouros. Esse dragão do livro é, na verdade, um dragão *fêmea*, como revela a voz narrativa: “Sozinha, no escuro, sonho com outros seres”. Um dia, deixa-se atrair pela entrada da caverna e se anima a explorar o mundo exterior. Então descobre outra paisagem, na qual são vistos os campos de pastagem, as árvores floridas, as montanhas e os oceanos, com baleias saltando. Mesmo diante de tantas coisas novas, o dragão sente que ainda está faltando algo. De repente, fica como que paralisado: enxerga outro ser de sua espécie. A partir desse momento da narrativa, as páginas ficam invertidas, sugerindo ao leitor que ele refaça a leitura a partir do “fim” do livro.

O narrador explica que os dragões nascem de ovos. Porém o dragão que agora conta a história não sabe quem chocou o

ovo que originou seu nascimento. Novamente se fala da solidão, mas dessa vez não em uma caverna, e sim no topo de uma montanha. O dragão então começa a indagar a outros animais e ao salgueiro sobre a existência de mais seres de sua espécie, mas todos respondem que dragões “vivem sempre a sós”. Um dia, esse dragão resolve explorar mais extensamente o espaço. Em seu voo, avista a cidade e elementos que a compõem: crianças indo à escola, cães, veículos e edifícios. Em sua exploração, subitamente ele vê algo que o paralisa: outro ser de sua espécie.

A história de *Asas de dragão* é contada por meio de imagens e de textos. Os textos são concisos e se situam em páginas que se completam pelas ilustrações da autora, feitas com aquarela. Essa técnica evita utilizar as linhas que contornam os desenhos. Assim, os traços das figuras desaparecem, e elas são formadas pela saturação das cores. A tinta se espalha pelo papel e se mistura com as outras figuras. O resultado são desenhos delicados, com contornos fugidios. A técnica está em harmonia com a maneira como o texto sugere a história, por meio de intervenções breves e muito poéticas.



OBRA EM CONTEXTO

EXOTISMO CATALOGADO

Bestiários são tratados sobre o mundo animal. Ao lado de descrições físicas e comportamentais, fazem interpretações simbólicas dos animais, de forma geral baseadas em significados bíblicos. Uma das principais matrizes dos bestiários é um livro chamado *Fisiólogo*, de autor desconhecido e de provável origem grega. Os bestiários incluem animais reais e também fabulosos ou lendários (como o dragão). Entre os lendários e os reais estão os monstruosos, destacados pela singularidade e pela estranheza. Tais animais monstruosos geram catálogos completos, como o medieval *Livro dos monstros de diversos gêneros*, que inclui os ciclopes, os lobisomens e os sátiros. Os bestiários são manuais de alegorias ficcionais, mais do que tratados científicos.

Fac-símile



Monstro marinho (no alto) e sátiro (acima), extraídos do livro *Monstrorum historia cum Paralipomenis historiae omnium animalium*, de Ulisse Aldrovandi (Bologna, 1642).

DRAGÕES E OUTROS SERES FANTÁSTICOS: A SINGULARIDADE

O escritor argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) escreveu *O livro dos seres imaginários*. Trata-se de um **bestiário**, isto é, uma obra que faz a descrição de animais. No caso, Borges trata apenas dos animais fantasiosos. O fato de o dragão ser o primeiro animal descrito por ele é um testemunho da importância desses seres em variadas culturas: “Ignoramos o sentido do dragão, como ignoramos o sentido do universo, mas há algo em sua imagem que se harmoniza com a imaginação dos homens, e assim o dragão surge em diferentes culturas e latitudes”.¹ A galeria de animais fantásticos inclui seres como o unicórnio, o minotauro, a fênix e a serpente de duas cabeças. São manifestações da singularidade na natureza, capaz de criar seres pela junção de partes de uns e de outros. Um exemplo disso nos dá Borges, ao descrever os dragões: “Seus cornos se parecem aos de um cervo, sua cabeça à do camelo, seus olhos aos de um demônio, seu pescoço ao da serpente, seu ventre ao de um molusco, suas escamas às de um peixe, suas garras às de uma águia, as plantas de seus pés às do tigre e suas orelhas às do boi”.²

O surgimento da figura do dragão é uma manifestação da imaginação humana diante da diversidade quase infinita das criações da natureza. Até pelo menos o século XVI, acreditava-se que diversos seres de fantasia existiam na realidade. Bem no final do século XVIII, por volta de 1798, exploradores europeus conheceram um animal típico da Austrália que poderia ter saído perfeitamente da imaginação de um escritor, que tem características únicas e pertence a uma espécie sem parentesco com nenhuma outra: o ornitorrinco, animal semiaquático dotado de corpo semelhante ao de roedores como o castor, com bico e patas semelhantes às de um pato. A preguiça e o cavalo-marinho são outros exemplos de animais com

¹ BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. Prólogo. In: *O livro dos seres imaginários*. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, p. 11.

² Idem. “O dragão”, *ibidem*, p. 10.



MATSUO BASHO

Nascido em Ueno, província de Iga, próximo a Kioto, em 1644, Matsuo Basho era filho de um samurai. Sua amizade com Todo Yoshitada, senhor local, estabeleceu-se em torno da prática do haikai. Com a morte de Yoshitada, em 1666, o poeta decide tornar-se um monge errante. Depois de permanecer alguns anos em Kioto, transfere-se para Tóquio em 1672, quando já era tido como mestre do haikai e possuía discípulos, que para ele providenciaram um refúgio. Ali, o poeta teria adotado práticas de meditação zen-budistas. Em 1684, Basho inicia uma viagem para conhecer locais sagrados perto do Monte Fuji e das cidades de Ise, Ueno e Kioto. Retorna a Tóquio no ano seguinte. Dois anos depois, viaja para ver a lua cheia sobre o Templo Kashima e escreve um relato sobre tal percurso. Em 1689, parte com companheiros para sua mais longa jornada, que daria origem ao relato *Trilha estreita ao confim*. O poeta morre em 1694, em Osaka.

características muito incomuns e que devem ter alimentado a imaginação na época em que foram descobertos.

Os dragões de Janaína Tokitaka são marcados pela singularidade. Mas a autora aproveita tal característica e a humaniza: na solidão dos dragões, cria uma fábula do encontro entre estranhos que se reconhecem como semelhantes. A associação amorosa de dois seres de exceção garante a perpetuação da mesma singularidade.

A literatura usou muitas vezes a imagem do dragão. Até mesmo as narrativas cristãs, avessas à fantasia mundana, admitiram a figura poderosa desse ser como antagonista de um de seus mais famosos santos, São Jorge. Nas fábulas europeias e nos romances de cavalaria medievais, o dragão também tem presença constante e desempenha importantes papéis, ora como inimigo, ora como companheiro dos heróis.

O HAICAI E O HAIBUN: EXPRESSÃO E CONCISÃO

Asas de dragão utiliza poesia e prosa. Trata-se de um gênero narrativo conhecido como haibun, que intercala textos em prosa com poemas. Tais poemas são, por sua vez, haicais e fazem um tipo de glosa ou comentário poético sobre o que foi expresso antes.

Matsuo Basho foi um poeta japonês que viveu no século XVII, entre 1644 e 1694. Basho foi o inventor do haikai. Essa forma fixa poética marcada por sua brevidade foi uma derivação de uma forma anterior, o tanka. O tanka é um poema de cinco versos que têm 5, 7, 5, 7 e 7 sílabas poéticas, respectivamente.

Na literatura japonesa, a mistura de prosa e poesia é muito corrente, como se vê no seguinte trecho de *O livro do travesseiro*, da cortesã Sei Shônagon, escrito no século XI:

Por volta do terceiro mês do ano, fui à residência de uma pessoa para uma hospedagem temporária durante a Reclusão e vi uma árvore em meio a outras que não tinha nenhuma qualidade especial. Disseram-me ser um salgueiro-chorão. Mas ele não tinha a elegância costumeira e, além disso, suas folhas largas demais eram desagradáveis. Afirmar que não poderia ser, mas responderam-me que também existia tal variedade, o que me levou a assim compor:



Que hospedagem é esta?
A face primaveril
Maculada está
Por sobranceiras grosseiras
De vil salgueiro-chorão.³

O texto segue dessa maneira, pontuado por poemas que “comentam” a narrativa em prosa.

Os haicais de Basho também aparecem circundados por narrativas em prosa. Os relatos de viagem do poeta são considerados os primeiros exemplos de haibun, gênero, conforme pontuamos, também utilizado por Janaína Tokitaka em *Asas de dragão*. Abaixo, podemos ler um texto de Basho:

Contemplei a cascata Fio Branco, que alva precipita-se por entre o verde iridescente das folhagens. O rio descia turbilhonante, e o pequeno barco oscilava, jogando para todos os lados em constante perigo.

Além das regras formais de composição, o haikai tem regras também sobre os temas que cada poema aborda. Ele deve mencionar aspectos da natureza, algo que geralmente caracteriza uma estação do ano, em referência à passagem do tempo ou como imagem de um estado de ânimo captado pelo poeta naquele instante.

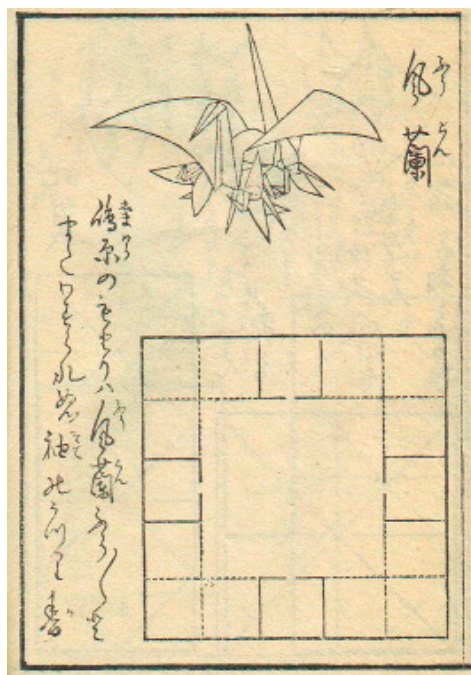
O haibun, ou prosa métrica, como também é chamado, foi muito usado na escrita de diários e relatos de viagem.

ARTES DO JAPÃO: O ORIGAMI, O SUMI-Ê E O KAMISHIBAI

O Brasil recebeu, desde o final do século XIX, uma enorme quantidade de imigrantes japoneses, tornando-se não só o principal destino de japoneses expatriados, como o país onde vive o maior número de nipodescendentes. Isso provavelmente explica a popularidade de diversos tipos de artes japonesas por aqui – dentre as quais está a da dobradura de papéis, ou origami.

³ SHÔNAGON, Sei. *O livro do travesseiro*. Tradução: Geny Wakisaka, Junko Ota, Madalena Hashimoto Cordaro, Lica Hashimoto e Luiza Nana Yoshida. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 478.





O livro como objeto

O livro *Asas de dragão* permite diferentes tipos de leitura: é um livro reversível, ou seja, um livro que pode ser lido em dois sentidos. Um livro, no Ocidente, é normalmente lido da primeira até a última página, da esquerda para a direita. Mas *Asas de dragão* é feito de modo que obriga o leitor a interromper a leitura e virar o livro para continuar lendo. A autora, dessa forma, uniu uma característica intrínseca à narrativa ao formato do livro, explorando também seus limites físicos.

Esse interessante jogo com os limites tradicionais do livro chama a atenção por seu caráter técnico, fazendo com que os leitores prestem atenção ao *objeto* livro. Há outros modos de exploração da materialidade de um livro. Exemplos deles são os *pop-ups*, dobraduras tridimensionais encaixadas nas páginas que são projetadas para fora do livro quando ele é aberto. Há também os *flipbooks*, livros pequenos em cujas páginas as ilustrações promovem a ilusão de movimento quando folheados e que podem simular um animal correndo ou a chuva caindo com desenhos representando movimentos sucessivos.

O origami é uma prática muito difundida, na qual se constróem pequenas esculturas de papel representando animais e objetos reconhecíveis, mas também formas abstratas. O primeiro livro a sistematizar a prática da dobradura, *O segredo dos mil tsurus*, foi publicado em 1797 (*página reproduzida ao lado*).

O grande renovador contemporâneo do origami foi Akira Yoshizawa (1911-2005), que afirma ter criado 50 mil novos modelos de dobraduras. Yoshizawa também inventou um sistema de notação das dobras, hoje adotado universalmente.

O sumi-ê é uma modalidade de pintura japonesa desenvolvida a partir da arte da caligrafia que se iniciou no século XV. A técnica é caracterizada pela concisão de traços, pela velocidade e pela impossibilidade de correção ou repetição, exigindo, por isso, extrema concentração. Trata-se também de uma forma de arte vinculada ao zen-budismo. Utiliza uma tinta feita de fuligem e é em geral monocromática. Sobre uma superfície de papel fino, o artista que realiza o sumi-ê pretende captar a essência de um objeto com o mínimo de movimentos. Os principais objetos representados são a orquídea, o bambu, a ameixeira e o crisântemo, cada um deles simbolizando um conjunto de fenômenos naturais que se relacionam ao ânimo do artista.

O kamishibai, por sua vez, é uma técnica narrativa criada por monges no século XII. Um narrador utiliza uma moldura na qual vão se sucedendo imagens da história que é narrada. No verso dos desenhos estão registrados os textos que devem ser lidos. A técnica foi muito popular entre os anos 1920 e 1950. Nesse período, o contador de histórias usava uma bicicleta e dava balas às crianças, atraindo-as com sua performance narrativa (*foto abaixo*).

Mireille Grosjean/Acervo da fotógrafa



NA SALA DE AULA

Para saber mais

Para o aluno

LIVROS

• BRENMANN, Ilan; VILELA, Fernando. *A dobradura do samurai*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

O livro é baseado na lenda japonesa que diz que quem dobrar mil tsurus (espécie de ave) terá seus desejos realizados e traz instruções para fazer tsurus de origami.

• MIYAZAWA, Kenji. *O violoncelista*. Tradução e ilustrações: Lúcia Hiratsuka. São Paulo: Edições SM, 2009.

No Japão do começo do século XX, Goshu é violoncelista em uma orquestra que faz o acompanhamento musical de filmes mudos. Apesar de todo o esforço do jovem, o maestro nunca está satisfeito, porque parece faltar sentimento a Goshu.

• REIBSTEIN, Mark; YOUNG, Ed. *Wabi sabi*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

A gatinha Wabi Sabi nunca tinha pensado no significado de seu nome. Um dia, amigos de outro país vêm visitar sua dona e perguntam o que significa *wabi sabi*. A curiosa Wabi Sabi, então, empreende uma aventura para descobrir o verdadeiro significado de seu nome. Usando texto livre e haicais, o autor tece uma história que fala sobre a descoberta da beleza simples e verdadeira em lugares inesperados.

FILME

• *A viagem de Chihiro*. Direção: Hayao Miyazaki. Japão, 2003.

Chihiro é uma menina que viaja por um mundo fantástico, povoado por seres estranhos, monstruosos. Uma extraordinária obra de animação japonesa.

RESENHAS

• REIS, Bia. Lobo na Idade Média. Conheça outros livros de Janaína Tokitaka. *O Estado de S. Paulo*, 1 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresolobo-na-idade-media-conheca-outros-livros-de-janaína-tokitaka,894185,0.htm>>. Acesso em: 1 set. 2014.

1. **Oficina de origami** Uma atividade que se pode propor a partir da leitura de *Asas de dragão* e dos comentários feitos neste guia de leitura é a elaboração de origamis do dragão e do morcego. O professor precisa ter afinidade com a técnica ou contar com o apoio de um origamista convidado para conduzir uma oficina de dois encontros. Na primeira oficina, aconteceria uma explicação e demonstração e, na segunda, um exercício prático de dobradura. O objetivo não seria fazer um origami perfeito, mas criar uma situação em que os alunos se envolvam com uma atividade que exige concentração, organização, delicadeza e precisão. Na internet existem páginas com instruções para a realização de ambos os origamis. Aqui de dragão: www.comofazerorigami.com.br; e aqui de morcego: www.oartesanato.com.

2. **Produção de texto: haikai e haibun** A partir da exposição de noções elementares sobre o haikai e o haibun, o professor pode propor aos alunos que escrevam uma narrativa imaginária, ou verídica, sobre uma viagem. A atividade pode começar com um plano que descreva a paisagem do lugar, a estação do ano, o meio de transporte usado na viagem – que pode ser feita a pé, a cavalo ou com meios modernos como o carro –, a hospedagem, os anfitriões, as refeições etc. Em seguida, os alunos podem escrever a narrativa de forma a ressaltar os aspectos poéticos da viagem. É importante que o professor estimule os alunos a redigir um relato entremeado por haicais. Serão usadas pelo menos três aulas para a realização da atividade: uma para apresentação da proposta, exposição dos gêneros e exemplos, outra para fazer anotações e planos para o texto e a terceira para a escrita. O filme *A viagem de Chihiro*, além de ser uma obra excepcional, é um relato fantasioso de viagem que pode servir como mote para a atividade.

3. **Bestiários** Em grupos de cinco alunos, o professor pode propor uma pesquisa sobre bestiários. Depois de feita a pesquisa, pode sugerir também a criação de um bestiário



• VIDIGAL, Marina. Janaína Tokitaka: uma vida pelas cores. *Crescer*. Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI309220-10460,00.html>>. Acesso em: 1 set. 2014.

Para o professor

LIVROS

• BASHO, Matsuo. *Trilha estreita ao confim*. Tradução: Kimi Takenaka e Alberto Marsicano. São Paulo: Iluminuras, 1997.

O livro reúne três relatos de viagem entremeados de haicais. Basho é considerado o inventor do haikai e um dos mais importantes poetas japoneses.

• FRANCHETTI, Paulo (Org.). *Haikai*: antologia e história. Tradução: Elza Taeko Doi. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

O livro reúne ensaios sobre a poética do haikai e uma antologia de poemas canônicos em uma publicação pioneira na divulgação do gênero.

• SAYGIO. *Poemas da cabana montanhesa*. São Paulo: Hedra, 2010.

Tradução de 135 poemas tanka do monge e poeta japonês Saygio (118-1190). O tanka é forma poética tradicional japonesa composta por cinco versos que totalizam 31 sílabas.

da turma. Esse bestiário pode ser feito pela junção de partes de animais que já existem ou que são totalmente inventados. A sugestão é que cada grupo crie dois animais fantásticos e na descrição inclua um desenho e um detalhamento sobre a espécie que forneça informações sobre o habitat, os hábitos etc. Posteriormente, o trabalho pode ser exposto na forma de cartazes e também comentado pelos alunos.

4. **Pesquisa sobre cultura japonesa** Uma pesquisa sobre a cultura japonesa em fontes bibliográficas, digitais e cinematográficas pode ser o mote desta atividade. O professor pode interessar a turma a partir de perguntas disparadoras, tais como: O que caracteriza a cultura japonesa? Qual o diferencial (ou os diferenciais) de sua culinária? Quais as características do vestuário dos japoneses? Como é a geografia do Japão e como essa formação física se relaciona aos traços culturais desse povo? O trabalho, a ser realizado em cinco ou seis aulas, pode ter como resultado uma exposição de painéis temáticos, com textos, fotos e ilustrações.
5. **Palavras e imagens** *Asas de dragão* inclui um glossário ilustrado que traz alguns símbolos importantes e tradicionais das artes japonesas: a cerejeira, o salgueiro, o grou e a

• WAKISAKA, Geny. *Man'yôshû*: vereda do poema clássico japonês. São Paulo: Hucitec, 1992.

Apresentação da antologia poética japonesa *Man'yôshû*, da segunda metade do século VIII, e do contexto histórico-social em que a autora viveu e produziu sua obra.

FILMES

• *Dolls*. Direção: Takeshi Kitano. Japão, 2002. 88 min.

Três histórias melancólicas e poéticas contadas com poucas palavras e muitas imagens exuberantes por um dos mais importantes diretores de cinema japoneses.

• *Tekkonkinkreet*. Direção: Michael Arias. Japão, 2006.

Black e White são dois meninos de rua que tomam conta da cidade do Tesouro lutando contra o vilão Yakuza e criaturas alienígenas assassinas.

• *Tokyo Godfathers*. Direção: Shôgo Furuya e Satoshi Kon. Japão, 2013. Animação.

Três personagens que vivem juntos nas ruas do Japão formando uma estranha família se deparam, na noite de Natal, com um bebê deixado à própria sorte. Em alguns momentos o filme pontua a narrativa com haicais que aparecem escritos na tela.

carpa. A atividade aqui proposta consiste na composição de haicais explorando esses símbolos. Os alunos podem fazer uma pesquisa breve sobre a simbologia de cada um. Em seguida, cada aluno escrever quatro haicais buscando sintetizar suas impressões sobre os conteúdos simbólicos pesquisados. O resultado pode ser reunido em um livro, que se tornaria uma coletânea dos haicais escritos pela turma. O livro pode, também, ser ilustrado, e as cópias, entregues aos pais e à comunidade.

6. **Pesquisa sobre dragões** Presentes nas mitologias de várias civilizações, os dragões são figuras fortes no imaginário infantil, figurando não só em livros, mas em uma infinidade de filmes e *games*. Esses seres fantásticos, símbolos de fogo, poder e força, têm funções e simbologias diversas em cada cultura. Por isso, vale sugerir uma pesquisa aos alunos sobre o tema, buscando mapear as várias representações desse ser mitológico no folclore chinês e nas lendas europeias, por exemplo. O trabalho pode ser feito em etapas (5 ou 6 aulas) e finalizar com uma exposição de painéis contendo imagens e texto.



ELABORAÇÃO DO GUIA Iuri Pereira (graduado em Letras pela USP e mestre em Teoria Literária pela Unicamp; organizou edições de obras de Gil Vicente e Gregório de Matos e é autor de *Dez poemas da vizinhança vazia*); EDIÇÃO Fabio Weintraub; REVISÃO Marcia Menin.